

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD  
6 e 16 de março de 2023

# HARRY AND SON / 1984

*(O Confronto)*

um filme de Paul Newman

**Realização:** Paul Newman / **Argumento:** Paul Newman, Ronald Buck / **Fotografia:** Donald McAlpine / **Montagem:** Dede Allen / **Direcção Artística:** Henry Bumstead / **Música:** Henry Mancini / **Intérpretes:** Paul Newman (Harry Keach), Robby Benson (Howard Keach), Ellen Barkin (Katie), Wilford Brimley (Tom Keach), Judith Ivey (Sally), Ossie Davis (Raymond), Morgan Freeman (Siemanowski), Joanne Woodward (Lilly), Katherine Borowitz (Nina), Maury Chaykin (Lawrence), etc.

**Produção:** Ronald Buck, Paul Newman / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 116 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, em 2 de Março de 1984 / **Estreia em Portugal:** Condes, Hollywood, em 26 de Março de 1985.

---

Este filme é o reflexo de uma ferida, uma tentativa de sará-la e de exorcizar o seu fantasma. Por isso mesmo, **Harry and Son** é o filme mais pessoal de Paul Newman.

Não quer isso dizer que se trata do melhor. No campo da interpretação, Newman apaga-se voluntariamente, preferindo dar o destaque a Robby Benson no papel de Howard, o filho de Harry, e mesmo a sua personagem não tem o impacto de outras que lhe deram fama, como as que teve em **Cat on a Hot Tin Roof**, **The Hustler** e **Sweet Bird of Youth**. Mesmo como realizador, **Harry and Son** não está entre as suas obras mais conseguidas, e com **Sometimes a Great Notion** ocupa o final da lista dos que dirigiu, alguns dos quais admiráveis como **Rachel Rachel** e **The Glass Menagerie**. Mas é, apesar disso tudo, e como já dissemos, o mais pessoal. Porquê? Porque é do seu próprio filho que se trata. Ou antes, de uma imagem idealizada de um filho que perdera pouco antes, a quem dera pouca atenção e que se suicidara. Newman, que para além de produtor, realizador e intérprete foi também co-argumentista do filme, inverte, de certo modo, a situação e reforça a figura de Howard idealizando-a ao extremo, fazendo dele uma personagem tão “pura” e “perfeita”, que chega a provocar a irritação do espectador, o que é agravado pelo trabalho amaneirado e demasiado “feliz” de Robby Benson que nesse ano receberia o prémio “Razzie” (o “anti-Oscar” concedido ao pior actor do ano).

Newman é Harry um trabalhador da construção civil, que tem a seu cargo a grua de demolição dos edifícios velhos, viúvo de fresca data e com um filho a seu cargo (uma filha, mais velha, está casada com um agente de seguros e fará, a meio do filme, uma tempestuosa visita). Howard, o filho, vive uma juventude despreocupada, ambiciona

ser escritor, limpa carros numa estação de serviço nas horas vagas, e pratica surf. Howard adora o pai, mas as relações entre os dois estão algo tensas devido à crise que Harry atravessa. Newman vai apresentar a evolução destas relações como uma série de “golpes” que vão trazer à superfície os sentimentos de cada um. Daí que o começo do filme possua uma evidente carga simbólica: o ecrã em negro, onde apenas se divisa um pequeno rectângulo de luz, e se ouve o som de pancadas. A pouco e pouco a escuridão vai dando lugar à luz conforme vai derruindo o que percebemos ser a parede de um edifício. Descobrimos então Harry sentado dentro da grua e manipulando o pilão demolidor.

Também ao longo do filme uma série de “golpes” vão destruindo as barreiras com que Harry protegera a sua vida, da intrusão dos outros, mas principalmente para esconder as suas frustrações. Isto ressalta das constantes censuras que Harry faz a Howard sobre a vida que ele leva, principalmente após o ataque que sofreu e que levou ao seu despedimento. A mais agressiva resulta desta situação: “Eu quero trabalhar e não posso; tu podes e não queres”, diz ele a Howard. Mas a generosidade de Howard é “excessiva”, quase digna de um “santo”, mesmo quando se mete em “aventuras” é sempre visto com simpatia, como na cena da sedução pela ninfomaniaca (que é uma citação humorística da famosa cena de **The Graduate**, com Dustin Hoffman e Anne Bancroft: “Mrs. Robinson, you’re trying seduce me?”): a relação dele com a rapariga grávida (Ellen Barkin), filha de Lilly (Joanne Woodward), uma amiga de Harry, levada aos limites do puro “tearjerker” nos planos finais na praia, a cena do parto no táxi toda sublinhada nos grandes planos de Benson e, em especial na festa que prepara para o pai após ter recebido o pagamento do conto que enviara para uma editora (perante o pasmo do pai que vê agora que o trabalho de Howard é de outro estilo).

Newman, como bom aluno do “Actors’ Studio” sabe bastante da direcção de actores. **Harry and Son** é (apesar de Robby Benson, por razões que serão mais psicológicas que profissionais) um bom exemplo do seu trabalho. Mesmo as mais pequenas participações (Morgan Freeman, quase estreante, Ossie Davis, numa divertida rábula, Katherine Borowitz na filha) são extremamente ricas no retrato psicológico (praticamente basta um traço e uma frase para os representar) e justas na forma como representa o “envelhecimento” de Harry não apenas físico mas também psicológico. Se no campo estético o filme apresenta notórios desequilíbrios, que vão do hábil simbolismo inicial e da representação do mundo do trabalho a cenas excessivamente edulcoradas (aquele final a descambar no “bonitinho”), **Harry and Son** consegue ser, também, um interessante e justo retrato de um tempo e uma geração, a dos governos de Reagan (nos EUA) e Thatcher (na Grã-Bretanha) marcada pelos duros golpes que a classe trabalhadora sofreu, perdendo muitas regalias conquistadas, e assombrada pelo desemprego e a inflação. Harry, de certo modo, é já uma vítima dessa política e talvez seja isso (e a não apreensão das causas do seu estado) que provoca o seu azedume e as críticas que dirige ao filho.

Manuel Cintra Ferreira

---

*Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico*